

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM ESTUDOS DE LITERATURA
ESTUDOS LITERÁRIOS APLICADOS: LITERATURA, ENSINO E ESCRITA CRIATIVA

ELAINE PASQUALI CAVION

**A IMAGINAÇÃO E A PALAVRA:
LEITURA SOB A PERSPECTIVA DA POÉTICA DE GASTON BACHELARD**

Porto Alegre

2023

Elaine Pasquali Cavion

**A IMAGINAÇÃO E A PALAVRA:
LEITURA SOB A PERSPECTIVA DA POÉTICA DE GASTON BACHELARD**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos de Literatura.

Linha de pesquisa: Estudos Literários Aplicados: Literatura, Ensino e Escrita Criativa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Magali Lopes Endruweit

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Cavion, Elaine Pasquali
A imaginação e a palavra: Leitura sob a perspectiva
da poética de Gaston Bachelard / Elaine Pasquali
Cavion. -- 2023.
107 f.
Orientadora: Magali Lopes Endruweit.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. literatura. 2. leitura. 3. imaginação. 4.
poética. 5. filosofia. I. Endruweit, Magali Lopes,
orient. II. Título.

Elaine Pasquali Cavion

**A IMAGINAÇÃO E A PALAVRA:
LEITURA SOB A PERSPECTIVA DA POÉTICA DE GASTON BACHELARD**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos de Literatura.

Linha de pesquisa: Estudos Literários Aplicados: Literatura, Ensino e Escrita Criativa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Magali Lopes Endruweit

Porto Alegre, 11 de abril de 2023.

Resultado: Aprovada com louvor

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Magali Lopes Endruweit
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Delcio Antônio Agliardi
Universidade de Caxias do Sul

Prof.^a Dr.^a Márcia Ivana de Lima e Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Leonardo Bonturim Antunes
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

A linha de chegada deste mestrado é também um início em que me coloco diante da vida com o olhar renovado pela experiência de um percurso acadêmico intensamente vivido, em que conheci pessoas com as quais convivi e me afeiçoei. Foram pouco mais de dois anos, tempo de mudar lentes e aprender.

Nesta trama que fui tecendo ao longo dos anos, entre educação, cultura, leitura, literatura e livros, sempre tive por perto pessoas que viviam seus propósitos com integridade e afeto, generosas com seus saberes e amizades.

Olho para muitos anos atrás e sou grata por ter tido, na escola e na vida, colegas com as quais pude compartilhar um caminho de aprendizado. Entre elas, agradeço às colegas da Escola Municipal Laurindo Formolo, comprometidas com o aprendizado e parceiras nos projetos que propunha; hoje, amigas de sempre. Em especial, agradeço a Margarete Zardo; juntas transportamos uma biblioteca no colo, literalmente, quando foi preciso mudar para uma sala maior.

Na Secretaria da Cultura, agradeço a Helo Bacichette e Maria Cristina Pisoni. Sem elas, muito do que existe hoje em projetos de leitura na cidade de Caxias do Sul não existiria. Vocês duas foram sempre inspiração. A Claudete Travi, querida amiga, trabalhar ao teu lado foi o mais precioso dos aprendizados. Mais recentes na minha vida, a Claudia Michaelsen, que chegou um dia com o edital deste mestrado e me deu um ultimato: “te inscreve”. A Natascha Rech, que só por existir já deixa o mundo melhor. E minha profunda gratidão a toda a equipe da Biblioteca Pública Municipal Dr. Demétrio Niederauer, que me acolheu nos dois últimos anos de atuação. Posso dizer, sem sombra de dúvida: a companhia de vocês tornou difícil a minha decisão de encerrar o ciclo de trabalho no funcionalismo público.

Agradeço ao meu grupo de pesquisa da UFRGS, um grupo do qual eu sempre quis fazer parte, mas não sabia que existia. Praticamente um movimento na causa do texto, da língua e da literatura. A vocês sou grata pelo apoio e pela alegria deste período tão intenso de escrita.

Minha mais profunda gratidão à minha orientadora, Magali Lopes Endruweit. Ao conhecê-la na entrevista para admissão do mestrado, não tive dúvidas de que estava diante de uma mestra, no sentido mais belo e humano da palavra; alguém que está à frente, mas também ao lado. Ela seguiu me mostrando que pesquisa e vida não se separam; que, se vale a pena pesquisar, é porque vale a pena viver cada etapa e aprender no caminho.

Agradeço a minha família, sem a qual nenhuma das minhas conquistas faria sentido, porque sempre, não importando o momento, estiveram e estão ao meu lado. À minha mãe

Leoni, sagaz como a leoa que era, que foi firme na decisão em se mudar do interior para a cidade, para que suas filhas estudassem. Ao meu pai, Vilmar, e sua habilidade de contar histórias, que certamente contribuiu no destino que tive de escrever as minhas próprias. A Gizele, que eu chamo de Gi, minha irmã gêmea três anos mais nova, com quem partilho as dores e delícias da vida.

A Jean Cavion, sempre ao meu lado, me apoiando em todas as minhas iniciativas, sejam elas quais forem, e a isso só posso chamar de amor. E ao Enzo, meu filho, que desde seu nascimento, faz meu universo se expandir nos mais diferentes aprendizados.

Agradeço aos professores da banca, que gentilmente aceitaram fazer o exame desta dissertação: Prof.^a Márcia Ivana de Lima e Silva, Prof. Leonardo Bonturim Antunes e Prof. Delcio Antonio Agliardi. E à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de cursar uma pós-graduação gratuita e de qualidade.

Por fim, à Professora Cleudes Piazza Júlio Ribeiro, minha gratidão, porque, num dia que vai longe, me apresentou Gaston Bachelard.

*“Bem contrários de Sísifo, a nós foi dada a
liberdade de escolher o caminho por onde
passar com o peso de nossa pedra.”
(Bartolomeu Campos de Queirós)*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo promover reflexões que ressignifiquem a imaginação no ato de ler, considerando-a um exercício de liberdade, que predis põe o indivíduo a estar na língua escrita por meio da leitura. Para alcançar este objetivo, por meio de uma pesquisa qualitativa exploratória, primeiramente descrevi o contexto de onde partiram meus questionamentos a respeito da imaginação, levando-me à análise da teoria do imaginário de Gaston Bachelard. Com isso, busquei mostrar como os preceitos estudados podem ser relacionados às práticas de leitura, fornecendo suporte para pensar o papel da imaginação na aproximação entre leitores e livros. Em seguida, partindo desses pressupostos teóricos, desenvolvi uma reflexão sobre como as práticas de leitura mediadas têm o potencial de contribuir para a função da imaginação criadora. Para tanto, analisei a metodologia empregada nessas ações, narrativas que as permearam e suas repercussões. Deste modo, foi possível pontuar como as práticas contribuem para garantir o tempo e o espaço da leitura literária e dimensionar a importância de sistematizar suas continuidades. Por fim, analisei a relevância da imaginação criadora na disposição para a leitura de literatura, onde assinalo que o ato da leitura não apresenta necessária equivalência com o fato do leitor reconhecer a si mesmo como sujeito imaginante, o que implica a vontade de ler e o desenvolvimento do gosto pela leitura. Os desdobramentos das análises realizadas colocam em foco elementos necessários à função de imaginar, como poética, imagem literária, devaneio e criação, também destacando-se o papel do leitor nesse contexto.

Palavras-chave: literatura; práticas de leitura; imaginação; poética; Gaston Bachelard.

ABSTRACT

This research aims to promote reflections that reframe imagination in the act of reading, considering it an exercise in freedom, which predisposes the individual to be in the written language through reading. For this purpose, through exploratory and qualitative research, I first described the context from which my questions about imagination arose, leading me to analyze Gaston Bachelard's theory of imagination. With that, I seek to show how the aforementioned concepts can be related to reading practices, providing support for thinking about the role of imagination in bringing readers and books closer together. Then, based on these theoretical concepts, I discussed how mediated reading practices have the potential to contribute to the function of the creative imagination. Therefore, I analyzed the methodology used in these practices, narratives that permeated them, and their repercussions. In this way, it was possible to point out how these practices contribute to guaranteeing time and space for reading literature and to measure the importance of systematizing its continuities. Finally, I analyzed the relevance of the creative imagination in the willingness to read literature, where I point out that the act of reading does not present a necessary equivalence with the fact that the reader recognizes themselves as an imagining subject, which implies the desire to read and the development of a taste for reading. The developments of the analysis carried out focus on the elements necessary for the function of imagining, such as poetics, literary image, daydreaming and creation, also highlighting the role of the reader in this context.

Keywords: literature; reading practices; imagination; poetics; Gaston Bachelard.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1 ANTES DO INÍCIO EXISTE A SEMENTE.....	14
1.1 UMA PALAVRA EM ESTADO DE BROTAÇÃO	17
1.2 A QUESTÃO É UMA RAIZ QUE SE APROFUNDA.....	20
2 A EXPERIÊNCIA DE LER	24
3 A TEORIA COMO PAISAGEM QUE SE DESVELA . Erro! Indicador não definido.	
3.1 A CAMINHADA DIÁRIA DO PROFESSOR.....	Erro! Indicador não definido.
3.2 A POÉTICA COMO COMPANHIA.....	Erro! Indicador não definido.
4 IMAGINAÇÃO	
CRIADORA.....	Erro! Indicador não definido.
4.1 A IMAGEM LITERÁRIA	Erro! Indicador não definido.
4.1.1 A linguagem e os atributos da imagem literária	Erro! Indicador não definido.
4.1.2 A imagem literária e as dinâmicas da vontade de criação Erro! Indicador não definido.	
4.1.3 As imagens literárias no devaneio voltado à infância	Erro! Indicador não definido.
4.2 O DEVANEIO	Erro! Indicador não definido.
4.2.1 O devaneio e o mundo da palavra	Erro! Indicador não definido.
4.3 O LEITOR E A IMAGINAÇÃO	Erro! Indicador não definido.
5 DOIS PROGRAMAS, UM PROJETO, MUITAS LEITURAS, UM TANTO DE IMAGINAÇÃO	Erro! Indicador não definido.
5.1 UM PASSAPORTE PARA A LEITURA.....	Erro! Indicador não definido.
5.2 O PAPEL DA VOZ NA IMAGINAÇÃO CRIADORA A PARTIR DA LEITURA LITERÁRIA.....	Erro! Indicador não definido.
5.3 PROJETANDO LEITURAS E IMAGINANDO.....	Erro! Indicador não definido.
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	25

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É notório que, ao ganhar um brinquedo, muitas crianças o quebram no manuseio. Há o intuito natural de conhecer seu funcionamento. São comuns as atitudes de virar, olhar por todos os ângulos, vontade de ver o que há por dentro e ainda experimentar o objeto de sua atenção de uma maneira totalmente diversa para a qual ele foi projetado. Projetado, aliás, por um adulto e suas certezas, que fez uma suposição de como aquilo deveria ser utilizado. A criança subverte então as expectativas e olha do seu modo, sem preconceito, sem prerrogativas, sem julgamento algum; sem medo de também ser julgada por estar olhando daquele modo. A beleza de observar uma criança bem pequena e o seu brinquedo é que ela testa sem medo de errar.

Penso que o intuito do pesquisador tem muito a ver com esse espírito de experimentação. A vontade de pesquisar é querer olhar por dentro e tentar compreender como funciona aquele objeto que ganhou a sua admiração. Sim, a vontade de conhecer vem de uma admiração primeira do objeto, tal qual um encantamento. Digo essa palavra sem pudores. Um encantamento. Que nem sempre se reconhece de imediato, mas que vai caminhando junto com o pesquisador, mesmo quando nem ele mesmo percebe que já está dentro da pesquisa; ou que a pesquisa já está dentro dele.

O caso é que objeto e pesquisador se relacionam porque a pesquisa está em muitos lugares e não apenas na academia. Foi exatamente assim que ocorreu comigo. A vontade de entender o processo pelo qual uma pessoa gosta de ler, e a hipótese de que essa motivação está relacionada a uma predisposição interna, somadas a fatores externos e culturais, me fizeram prestar atenção na palavra “imaginação”, a ponto de ela crescer em extensão e volume na minha vida. Palavra que foi se expandindo, ocupando espaço, e seguiu me abraçando delicadamente vida afora enquanto eu trabalhava, lia, escrevia, criava um filho, sentia o tempo acelerar, via os textos ocupando outros suportes. Nesse tempo todo, tinha por companhia uma pequena pilha de livros em estado crescente, capas em vermelho vivo e títulos um tanto quanto herméticos, para dizer o mínimo, como *A poética do espaço* ou *A terra e os devaneios da vontade*, todos do mesmo autor, Gaston Bachelard. Comecei a lê-lo ainda na faculdade, inicialmente prestando atenção na linguagem filosófico-poética singular e, depois, pelo fato de tematizar com profundidade o objeto de meu interesse, a imaginação.

Foi a contingência da pandemia da covid-19 que, em 2020, alterou rotinas e fez muitos de nós – privilegiados, e isso não discuto – colocar o pé no freio da vida tal qual ela era. Nessa parada, antes postergada pelo tanto que a vida exige, formatei em laudas o meu projeto de

pesquisa e o submeti para a seleção de mestrado. Escrito, ele já estava dentro de mim há muito tempo.

Esta pesquisa, portanto, vem de uma longa construção e, com ela, busco refletir sobre a imaginação de forma bastante específica, sob o ponto de vista do filósofo Gaston Bachelard, que a elegeu como matéria de um volume considerável de obras entre 1937 e 1962. As reflexões que apresentarei partem da minha história com a leitura e de como ela está entrelaçada com a questão da pesquisa: como o Passaporte da Leitura pode fomentar a imaginação criadora? Foi trabalhando com projetos de leitura em escola pública e na Secretaria Municipal da Cultura que se deu a minha proximidade com esse universo em que a leitura é objeto de trabalho e estudo.

A especificidade dos objetivos perpassa: analisar a teoria do imaginário de Gaston Bachelard, relacionando-a às práticas de leitura; partindo dos pressupostos teóricos estudados, refletir como as práticas da leitura mediadas contribuem para a função da imaginação criadora; analisar a relevância da imaginação criadora na disposição para a leitura de literatura. Assim, o objetivo principal desta dissertação é promover reflexões que ressignifiquem a imaginação no ato de ler, considerando-a um exercício de liberdade, que predispõe o indivíduo a estar na língua escrita por meio da leitura. Para isso, foi desenvolvida uma investigação qualitativa exploratória, que é aqui apresentada em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, relato como o propósito de estudar a imaginação e sua relação com a leitura foi caminhando comigo. A imagem da semente, presente no título como um início antes do início, representa uma intenção, que pode ou não germinar. Por isso, na sequência, falo de uma palavra em brotação, pois é quando percebo que existe de fato uma pergunta tomando forma, mas que ainda carece das convicções de uma teoria. Observo como ir além dos muros da escola, escrever e buscar compreender as motivações para a leitura, foi terreno fértil para observações e perguntas. A questão da pesquisa, portanto, se expande nesse processo de autoquestionamento e observação da realidade multifacetada do trabalho com a leitura. Uma raiz que se aprofunda rizomaticamente. Junto a isso, neste capítulo, focalizo a importância da legitimação do ato de ler como direito e prática sociocultural, inegavelmente necessária ao direito de imaginar a partir da literatura.

Tangenciando a relação entre imaginação e leitura, apresento no segundo capítulo a leitura como experiência, salientando o próprio conceito de experiência sob o ponto de vista de autores que a problematizam. Pensar a singularidade da experiência como algo que nos afeta dialoga com a compreensão da leitura literária como uma travessia que requer do leitor uma atitude de envolvimento. A relevância desta análise que aproxima a leitura da experiência é

justificada pelo afastamento de pensá-la como instrumento, utilidade ou produtividade, de modo a garantir o tempo de abertura para a imaginação.

No terceiro capítulo abordo especificamente como se deu o encontro com a teoria que fundamenta esta pesquisa. Contextualizo o percurso do filósofo Gaston Bachelard e sua obra no período histórico, por meio de uma breve cronologia. Apresento as obras de sua autoria e os recortes que foram utilizados na pesquisa. Pontuo nesta etapa que a escolha da teoria apontada não se deu de maneira aleatória, pois o contato com o autor iniciou ainda na universidade, no curso de Letras e Literatura; e o fato dele utilizar documentos literários para falar sobre a função da imaginação foi determinante para tecer a proposição desta pesquisa.

No quarto capítulo, me detenho na análise da imaginação propriamente, trazendo a perspectiva bachelardiana. Considerando a densidade dos ensaios do autor, busquei me deter nos aspectos da imaginação diretamente relacionados à leitura de literatura e poesia, que o autor nomeia indiferentemente como obras poéticas. Portanto, “poesia”, “poema” e “poeta” são termos comumente usados e irão aparecer com frequência. Importante atentar também para uma progressão em seu conceito de imaginação, inicialmente analisada sob os aspectos material (em oposição à forma) e dinâmico e, nas obras mais tardias, o devaneio assumindo protagonismo no ato imaginal. Os demais tópicos abordados neste capítulo dizem respeito: à imagem literária e seus atributos; às relações entre imagem literária e linguagem; à imagem literária e as dinâmicas da vontade de criação; e à imagem literária e aos devaneios voltados à infância. Todos esses temas permeiam a imaginação e tocam diretamente nos aspectos da criação, tanto a imagem criada para ser escrita como a imagem criada pelo leitor no ato da leitura. A especificidade do devaneio também será tratada neste capítulo. O devaneio em Bachelard não é fuga nem evasão, mas um estado de consciência desperta e condição para a imaginação criadora. Por fim, abordo as considerações sobre a atitude do leitor que imagina e constrói seu imaginário pessoal.

No quinto e último capítulo, retomo o contexto da criação do programa de incentivo à leitura que foi determinante para a construção desta pesquisa. Proponho a análise da metodologia das ações pró-leitura, em que a mediação está especialmente contemplada, por meio de argumentos a respeito da voz, que, junto ao texto escrito e os leitores, possibilita abertura de espaços de leitura. Analiso também o quanto os cenários que se desenham podem contribuir ou não para que o leitor tenha facultado em si a vontade de imaginar. Apresento considerações sobre a questão da pesquisa, buscando mostrar a dimensão que a imaginação ocupa no ato da leitura e o quanto está intrinsecamente relacionada ao espaço que a língua escrita ocupa na vida do indivíduo.

Por fim, nas considerações finais, apresento as possíveis aberturas com que este estudo venha a contribuir para a vinculação entre a temática da imaginação e a forma como são pensadas as práticas de leitura.

1 ANTES DO INÍCIO EXISTE A SEMENTE

“Nunca teremos visto bem o mundo se não
tivermos sonhado aquilo que víamos.”
(Gaston Bachelard)

Trago para esta conversa uma semente de passado, pois falar sobre um projeto que me acompanha há tantos anos também é falar de mim e de como tudo começou. Abro a janela dos inícios e vejo a personagem dessa história, uma professora na casa dos vinte e poucos anos, formada em Letras e Literatura, desde sempre leitora, trabalhando numa escola pública de periferia; alguns poucos alunos em situação de vulnerabilidade, a maioria, porém, advinda de famílias em que pais e mães, trabalhadores da indústria metalúrgica, mantinham suas casas com dignidade.

Quis as vias nem sempre tortas do destino que a jovem professora leitora fosse trabalhar na biblioteca da escola. As demais turmas foram escolhidas por critérios de antiguidade entre as colegas, e para ela restou aquele cômodo atulhado que se configurava como uma antessala do paraíso borgeano: a biblioteca. Na época a opção pela biblioteca aumentaria de 25 para 30 os anos trabalhados no horizonte da aposentadoria – fato que pouco perturbou a professora, pois quem em sã consciência trabalhando numa biblioteca haveria de querer se aposentar? Mas isso é outra história; quero me ater aos fatos que a memória me sopra.

Por determinação da Secretaria de Educação, todo professor atendente de biblioteca escolar deveria obrigatoriamente ter feito a capacitação para o trabalho no setor e apresentar um planejamento anual. Assim começava a intimidade da jovem, com os projetos de leitura. Passada a etapa de elaboração do projeto, que compreendeu diagnósticos, visitas a outras bibliotecas e conversas com colegas, veio a prática em si. A biblioteca como nova casa, novo afeto, nova maneira de se relacionar com o universo escolar. Estar no lugar dos livros por excelência era a possibilidade de dar concretude às ideias colocadas no papel.

Após o período de estudo sobre a disposição dos livros, nova e atrativa organização do espaço – incluindo cartazes motivacionais pró-leitura, escritos em próprio punho –, entre outros aspectos gerenciais, tudo visando tornar o espaço uma ode à leitura, sobreveio a tão institucionalizada retirada de livros pelos alunos. A atividade acontecia sempre nos períodos da aula de Língua Portuguesa – parecia haver um entendimento tácito de que a leitura prestava-se somente àquela disciplina. A jovem professora, que já havia se inteirado de alguns títulos de literatura infantojuvenil, pois o atendimento era para turmas do ensino fundamental (compreenda-se quinta a oitava série da época), aguardava ansiosamente pelos ávidos leitores.

Porém, salvo algumas exceções, os leitores não eram tão ávidos assim. Poderiam ser classificados em três grupos: os pouquíssimos que gostavam de ler; os apáticos resignados que estendiam seus braços para a estante e de lá retiravam a capa que se lhes aparentasse mais atrativa; e os barulhentos, que literalmente pegavam qualquer livro cujo título se prestasse aos mais variados trocadilhos jocosos. Todos acotovelavam-se em frente às estantes e, após os esfuziantes momentos, iam para o balcão de registros das retiradas.

A cada semana o processo se repetia. Na chegada, colocavam os livros sobre o balcão para devolvê-los. Para cada um que devolvia o livro, a professora fazia a pergunta: “gostou do livro?”. Era com um misto de incômodo, surpresa e alguma indignação que a professora ouvia o que a grande maioria respondia com a mais absoluta e desavergonhada sinceridade: “não li” ou “li só um pouco”. Bastaram poucas semanas para a professora perceber que ela era nada mais nada menos que a pessoa que tinha a chave da cadeia dos livros passeadores, ou seja, com o registro de empréstimo, ela os libertava das estantes para que saíssem a passear nas mochilas, onde ficavam indo e voltando da escola para casa e da casa para a escola durante uma semana, até serem atirados no balcão de devolução e dali voltarem para a estante. Assim, logo ela percebeu que era necessária outra chave. A chave que abre os livros, que liberta as palavras que moram neles.

É importante citar que nessa época (entre os anos 1990 e 2000) havia uma efervescência em relação ao trabalho de formação de leitores, sendo um dos grandes protagonistas o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), de 1992, encampado pela Fundação Biblioteca Nacional, tendo à frente Afonso Romano de Sant’Anna. O Programa tinha diretrizes que envolviam formação e a fundamental questão da descentralização. Na época foram implantados comitês do Proler em mais de 200 cidades brasileiras, muitos deles atuantes até hoje, como é o caso do município de Caxias do Sul, e responsáveis por articular políticas públicas de promoção da leitura. Foi procurando a chave que comecei a frequentar os seminários do Programa, os mesmos em que mais tarde eu colaboraria na organização. Faço essa referência pela importância do ambiente colaborativo criado em torno das questões do livro e da leitura, que refletiam sobre as práticas leitoras nas escolas e sociedade. Os subsídios chegavam por meio de pessoas que estavam viajando o país realizando encontros de formação, pelas publicações, encontros e discussões. Havia, enfim, um contexto para as que as sementes irrompessem em brotos do solo.

Revisito essa história em terceira pessoa porque olho para um passado que se acumula. A cada vez que dou uma espiada nele, mais compreendo os desdobramentos que têm mobilizado a minha pesquisa. Sobre os alunos, confesso a generalização e também meu imenso carinho por eles. Havia sim uns poucos que liam, mas eram poucos, e a postura relatada

anteriormente diante dos livros me levou ao início de um questionamento, que com o passar do tempo foi se aprofundando e catalisando outros mais, todos, porém, centralizados no ato da leitura, no fenômeno que se dá no ato da leitura e, estreitando essa janela que é ampla, no ato da leitura literária.

Afinal, o que impele o indivíduo à leitura? O que faz com que alguém se torne afeito aos livros de literatura enquanto outros, em proporcional ojeriza, distanciam-se deles? A leitura situa-se em um meio cultural, que compreende fatores como acesso ao livro, família, exemplos de leitores, escola, amigos, mudanças de suporte do texto, comportamentos e hábitos da sociedade que volatilizam a atenção que a leitura requer, tudo isso descrito em inúmeros ensaios e artigos, que respondem e ao mesmo tempo não respondem a questão, uma vez que há pessoas com acesso amplo e irrestrito a livros mas que não gostam de ler e outras que têm extrema dificuldade em acessar a leitura mas nem por isso deixam de ler.

Lembrando um dos cartazes dos cartazes motivacionais que ingenuamente fiz na época e que dizia algo do tipo: “O livro é um portal para um mundo de imaginação”, uma frase feita, talvez retirada de um artigo de revista pedagógica e cheio de boas intenções, falando a respeito da importância da leitura, a pergunta foi tomando corpo até começar a incomodar tanto que não pude mais fugir dela. O que é mesmo imaginar? E por que a relação entre leitura e imaginação era e é sempre recorrente quando se pensa em leitura literária como se fossem sinônimos, como se automaticamente o ato da leitura de qualquer livro colocasse imediatamente o leitor numa espécie de universo paralelo, levando-o para fora de si, para algum lugar não nomeado? É inegável que há algo de leve e transcendente na palavra “imaginar”, do latim *imaginatio*, o ato de formar imagens; me parece uma palavra aérea, talvez por ter “ar” no nome; talvez pelo modo que se vai o ar do peito ao pronunciá-la, numa soltura, num suspiro. A palavra “imaginar” é uma respiração. E, a partir desse senso tão ordinário difundido de que ler é imaginar, fiz a minha síntese: ler é respirar, necessário. Então, se ler e imaginar são necessários tal qual o ar, por que muitos alunos sequer abriam os livros? – se perguntava a jovem professora. Começava assim o problema da leitura e da imaginação, diz o passado me devolvendo seu olhar.

Os anos trabalhados na biblioteca da escola, atendendo alunos do ensino fundamental, constituíram-se numa experiência diária de pesquisa, observação, criação, planejamento, execução e também muita experimentação. Necessário dizer que nem todos os resultados eram positivos e, enquanto escrevo isso, busco na memória os perrengues, as mancadas e os desacertos. Lembro que a dificuldade maior não era sempre com as crianças e adolescentes, mas sim com os adultos, pois a leitura literária, ao lado da arte, sempre fez parte do espectro das inutilidades. Lembro da sensação de ser chamada na sala da diretora e dela fechar a porta

para que conversássemos em particular. Sabia que aquela porta sempre aberta, ao ser fechada, trazia o peso da gravidade de alguma situação. Não foi diferente: com certo embaraço e seriedade, ela me colocava a par de uma denúncia feita por pais na Secretaria de Educação do Município, pois havia na escola uma professora de nome... sim, o meu nome, colocando livros de literatura na lista de material escolar e convencendo os alunos – essa era a parte que acrescia o grau da polêmica – de que era muito necessário comprá-los. Tudo verdade. Essa prática hoje é extremamente comum, mas nos idos anos 2000, em escola pública, não era.

O fato é que o trabalho com os livros e leitura era da ordem da experiência que toca e perpassa o outro, expansivo a outras áreas, colaborativo com outras instâncias da escola, e por isso mesmo trazia vida nova aos envolvidos: alunos e professores. À parte das experimentações e ideias entusiasmadas, que faziam parte da potência dos descobrimentos, o que funcionava era algo ridiculamente simples: a leitura e o corpo. Poderia dizer a leitura e a voz ou a expressão, mas prefiro dizer a leitura e o corpo. Porque é assim que acontece: quando lemos, o fazemos com o corpo todo. Esse corpo tinha uma voz que vibrava e um olhar que quase não pousava nas páginas – havia uma leitura preparatória prévia de qualquer texto a ser contado –, mas ia direto, tocando os ouvintes; às vezes a história era contada em voz alta, sem o livro, então o corpo, com sutileza, se expandia a serviço do texto que estava por perto, guardado no livro que seria referenciado no final. O mesmo acontecia ao falar a respeito das impressões que determinada leitura havia deixado, falar das ilustrações, dos autores, dialogar, abrir espaços para o acontecimento da leitura, que se mostrava no olhar e na fala de quem, naqueles momentos, se descobria leitor.

Tudo isso, acredito, faz parte do processo de abertura para o encontro do leitor com o texto literário. Querer a leitura na vida, porém, requer uma travessia que deve ser feita pelo leitor. Um personagem¹ que tem rio no nome nos sopra: “o que a vida quer da gente é coragem”. Depois de uma leitura atravessada com e pela imaginação, nem livro nem leitor são os mesmos. Suspeito que atravessar um livro requer a coragem de imaginar.

1.1 UMA PALAVRA EM ESTADO DE BROTAÇÃO

Esta dissertação trata sobre imaginação e leitura. É a oportunidade de verificar, por meio da pesquisa, uma proposição que vem sendo construída dentro de um longo percurso, em que não faltaram questionamentos na realidade do trabalho com a leitura tanto na escola, onde tudo

¹ Riobaldo, personagem da obra *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa.

começou, quanto na equipe do Programa Permanente de Estímulo à Leitura (PPEL), onde atuei. O Programa era (e é) o responsável por uma diversidade de ações de fomento à leitura, entre eles, o projeto Passaporte da Leitura, que será especificamente descrito no decorrer deste estudo.

O Passaporte teve sua primeira edição em 2005, quando participei como professora, com meus alunos de escola pública municipal. Um ano depois, em 2006, veio o convite para trabalhar na equipe do PPEL, que era a possibilidade de um âmbito maior de atuação no fomento à leitura. Nesse momento, eu levava a experiência da ponta em que está o professor – para quem o projeto propõe uma ação de leitura junto à comunidade escolar – e passava a atuar junto da organização que planeja, faz a curadoria de autores e obras, dialoga, faz o trabalho de escuta, acompanhamento, mais escuta, observa, avalia, redige relatórios, reavalia, batalha por verbas e, por fim, faz o planejamento para a próxima edição. Toda essa dinâmica ampliou perspectivas e estudos sobre a área, uma vez que era requisitado da equipe um consistente embasamento sobre a importância da leitura de literatura como prática cultural. Nesse sentido, nunca faltaram publicações de renomados pensadores e pesquisadores da área que nos ajudavam a justificar a importância e a perenidade das ações. Por isso, diante do cenário teórico existente, reforço que esta pesquisa não pretende se deter na justificativa da importância da leitura quanto aos aspectos pedagógicos e sociais, sob o ponto de vista do letramento e do acesso à informação e ao conhecimento.

A vivência diária com os projetos, assim como a minha prática pregressa na escola, juntamente com a de outros educadores, revelava que a equação “pessoas que gostam de ler + livros + crianças/adolescentes” resultava em oportunidades preciosas para viver a experiência da leitura. Com essa premissa, durante as formações de mediadores de leitura promovidas pelo Programa, enfatizava-se a necessidade de desvincular a leitura de literatura do pretexto de ensinar determinado conteúdo, mas sim que se constituísse num momento de fruição do texto. Nestes encontros, tanto por parte de quem ministrava as formações quanto por parte dos participantes, novamente era recorrente a palavra que sempre me intrigou ao ser relacionada com a leitura: imaginação. Necessário dizer que ela estava presente também em todos os discursos das autoridades institucionais, como prefeitos, secretários, diretores e outros mais que falavam sobre o convencimento da importância da leitura.

Na mesma época em que comecei a trabalhar com os projetos do PPEL, veio também a vontade de escrever as minhas histórias para as crianças. Em 2009 publiquei meu primeiro livro, intitulado *Formigas*. Contarei brevemente o enredo por acreditar ser relevante neste contexto.

Formigas narra a história de uma formiga criança que sai pela primeira vez do formigueiro, em fila, junto com as companheiras. Aprendiz na busca pelo alimento a ser estocado para o inverno, ela observa um livro aberto caído na grama. Atraída pelo estranho objeto, sai da fileira, percorre as páginas e fica encantada com as palavras. Coloca a palavra de que mais gostou nas costas e volta para a fila. Tal atitude não passa despercebida das outras, que se reúnem ao seu redor para verificar aquele estranho “alimento”. Com o apoio da formiga líder, vão todas ao livro e de lá carregam uma série de palavras para o formigueiro. A partir de então, o local se transforma completamente, pois nele habitam, agora, as palavras que deixam as formigas muito bem “alimentadas de poesia”, mesmo no mais rigoroso inverno. Qualquer semelhança com a fábula da Cigarra e da Formiga não é mera coincidência; inclusive a cigarra tem uma participação especial no final da história, sendo convidada a participar do recital de inverno das formigas.

Fiz essa síntese para ilustrar o que transbordou de mim naquele tempo: acreditar neste uso especial da linguagem que chamamos “literatura” como forma de provocar o indivíduo a fazer a travessia de um livro, depois de outro, e outros mais. E também pelo meu apreço especial pela temática da própria palavra – tema recorrente na minha escrita – em conformidade com o que relata Marisa Lajolo (2018, p. 46): “o homem vive e se move entre palavras [...]. Assim, constantemente se faz recordar que os nomes não são as coisas. Mas no mesmo movimento percebe que as coisas só existem para ele, homem, quando incorporadas à sua linguagem”. Na história que resumi, somente se abriu uma janela no formigueiro e passou a existir o *horizonte* depois que as formigas encontraram essa palavra no livro. São as palavras, enfim, que possibilitam a apropriação do nome, dando estatuto de existência ao que antes carecia de sentido.

E quando, num revés disso, uma palavra é usada para dizer tanta coisa que acaba não dizendo nada? Era essa a minha percepção a respeito da palavra “imaginação”. Me parecia que era usada sem um propósito determinado. Uma palavra sempre à mão, conveniente, porém suspensa na leveza do que nada diz, do que não se sustenta. Se há um discurso do “ler é imaginar” e esse imaginar é algo tão vago e indistinto, algo que é tudo e ao mesmo tempo nada, então a leitura cai no vazio do que não tem importância. Mediante um discurso que esvazia a palavra, imaginar, por fim, seria tão inútil quanto... ler.

A desacomodação provocada pela constante reflexão me impeliu a questionar sobre qual é de fato o papel da imaginação no ato da leitura. Para tanto, a teoria do filósofo e epistemólogo Gaston Bachelard tem sido uma companhia constante durante estes anos de trabalho com projetos e escrita. Nela busquei subsídios que me ajudassem a refletir a respeito do tema da

imaginação. Em sua extensa obra, este pensador utiliza-se de textos literários e poéticos para trazer à luz a importância do potencial criador, que é a experiência de imaginar. A pergunta norteadora desta pesquisa vem atrelada a um projeto de leitura, porque o compreendo seminal para pensar as práticas em que trabalhei e por envolver um conjunto de procedimentos elaborados sob a diretriz da fruição da leitura literária. Portanto, pensar como a leitura literária promovida pelo projeto Passaporte da Leitura pode fomentar a imaginação criadora alicerçada na teoria bachelardiana é uma oportunidade de me debruçar sobre o tema que envolve o processo imaginação-leitura, trazendo-o para a pesquisa acadêmica.

1.2 A QUESTÃO É UMA RAIZ QUE SE APROFUNDA

A questão norteadora, porém, não surgiu de pronto no trabalho com a leitura; precisou de tempo, como a semente que lentamente irrompe o solo; o broto desenrola-se para a luz, a raiz alonga-se à procura de água e nutrientes. Nada é suficientemente firme nesse estágio em que a pergunta se expande. Muito incipiente ainda, ela testa autores, teorias, textos diversos, não há um método claro na busca, muita coisa pode servir, muitos ditos podem aderir à pergunta. A raiz é um rizoma à procura do que fará a planta-pergunta crescer. Foi assim que me senti na época em que buscava os subsídios para o meu fazer diário com a leitura.

Antes de atestar a importância de pensar sobre a imaginação e seu papel para a formação de leitores, a pergunta tomou o rumo da legitimação do trabalho do qual eu fazia parte como equipe. Para tal estudo, há farto material e pesquisadores da área². Nunca faltaram textos falando da importância da leitura, da falta de leitura, da leitura na escola e na sociedade, do quanto a leitura não é qualificada por parte da maioria alfabetizada, das estratégias de leitura, da mediação de leitura; ou, então, das competências do leitor, da formação do leitor, e ainda relatos de experiências com a formação de leitores. Muita leitura sobre leitura para pensá-la além dos processos do ato de ler, com a finalidade de apreendê-la em sua complexidade de elemento cultural acessível ou não.

Nessa trajetória de elaboração e execução de projetos visando fomentar a leitura na comunidade, foi fundamental a análise do papel social da leitura, compreendendo que toda a ação voltada à sociedade, dependente de verbas públicas, além de estar amparada em

² Entre os pesquisadores da área da leitura, literatura e bibliotecas, com diversos livros e artigos publicados, destacam-se Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Ezequiel Theodoro da Silva, Nelly Novaes Coelho, Laura Sandroni, Nilma Gonçalves Lacerda, Eliana Yunes, Bartolomeu Campos de Queirós, Teresa Colomer e Silvia Castrillón.

indicadores sociais, precisa ter sua realização justificada mediante seu compromisso com essa mesma sociedade. Porém, mais do que simplesmente se prestar a uma função exercida, o estudo deste embasamento também me ajudava a entender minhas escolhas de vida e as reforçava. Afinal, o que faz uma profissional da área da Educação passar a atuar ativamente em ações em prol da leitura, passando do setor da Educação para o da Cultura?³ Foi uma mudança substancial em âmbito de atuação: agora, não mais o magistério e o ambiente escolar, e sim a linha de frente na área da Cultura, com o compromisso de trabalhar na implementação de ações direcionadas a toda a comunidade. O fato de ter formação em Letras e Literatura e gostar de ler e escrever sustentaria uma escolha de vida? Talvez. Porém, se juntarmos a isso o fato de ter atuado em biblioteca escolar, trabalhado diretamente com a mediação de leitura, observando o crescimento do envolvimento dos alunos com os textos, e na interação com os professores, talvez tenhamos uma equação decisiva no fator motivação que ajude a explicar o rumo tomado na profissão. Com olhos e ouvidos atentos, segui no estudo das relações feitas entre leitura, literatura e formação de leitores. Durante o percurso, dei minha contribuição na elaboração de projetos e na execução de ações e publiquei meus próprios livros.

No caminho institucional, neste caso o setor cultural, é imperioso que se tenha elementos basilares para a sustentação da proposição das ações. E é básico lembrar a necessidade de qualquer ação estar em sintonia com o planejamento da gestão pública. Neste caso, o setor cultural seguia as Diretrizes Estratégicas da Política de Cultura do Plano Diretor Municipal⁴, cuja premissa era “[...] estimular a leitura e a circulação do livro com programa permanente, compreendendo ações integradas com diversos segmentos sociais [...]” (CAXIAS DO SUL, 2007).

A partir da diretriz de fomentar o acesso ao livro e à leitura, emerge obrigatoriamente a questão sociocultural da leitura de literatura. Ou seja, não estamos pensando aqui a leitura em sua dimensão pedagógica; o que está sendo posto é ensejar oportunidades de aproximação e compreensão do simbólico, para melhor compreender e atuar na realidade, encetando assim a leitura na dimensão simbólica da cultura, à qual todos têm direito.

Além disso, os pressupostos das ações amparavam-se, sob o ponto de vista crítico, nos dizeres do sociólogo Antonio Candido, que, em seu precioso ensaio chamado *O direito à*

³ Uma vez que a Secretaria da Cultura não tem concurso próprio, torna-se inviável o desenvolvimento de projetos de formação na área cultural somente com a atuação de agentes administrativos, cujo concurso não requer nível superior. A presença de professores com formação em ciências humanas e perfil articulado qualifica o planejamento e desenvolvimento das ações culturais. Esses educadores, além de fazerem uma leitura social, trazem a pesquisa e os subsídios teóricos de que as ações carecem.

⁴ Posteriormente substituído pelo Plano Municipal de Cultura, em 2010 (alinhado ao Plano Nacional de Cultura – PNC), no qual o PPEL consolidava-se como estratégia da política municipal de acesso ao livro.

literatura, faz a relevante aproximação entre os direitos humanos e o direito à leitura de literatura. Candido (2011, p. 175) começa por acusar como ideologicamente limitador o discurso de conceber como bem imprescindível apenas alimento, casa e roupa, pois, além do valor de um bem se medir segundo a necessidade que temos dele, é sempre pertinente, para uma sociedade desigual e que deseja a manutenção desse status, convencer as pessoas de que “o que é indispensável para uma camada social não o é para outra”. Afinal, para que *serve* um livro se a pessoa não tem comida na mesa? Assim é o pensamento que trabalha segmentando os grupos sociais entre aqueles que têm acesso a bens culturais e todos os demais que não precisam – nas próprias palavras de Candido (2011, p. 174) – “ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven” se não têm casa, instrução, comida, saúde. Por conseguinte, a leitura de literatura, assim como a arte em geral, esvazia-se quando posta a dicotomia utilidade *versus* inutilidade, sendo este último o atributo ao qual o senso comum confere descartabilidade, por não ser suscetível de uma aferição objetiva de efeitos imediatos. Isso significa que tudo o que provoca no ser humano o desejo de abertura para outros patamares da experiência de existir acaba por ser arrolado ao desnecessário.

Candido refuta essa proposição, conferindo clara pertinência ao direito à literatura como um direito humano. Para tanto, considera a literatura em sua universalidade, incluindo nela todas as criações poéticas, ficcionais, dramáticas em todos os tipos de cultura, desde o folclore até as produções escritas das civilizações. Atravessada por esta abrangência, a literatura se revela como manifestação simbólica universal, correspondendo à necessidade narrativa da experiência humana em todos os tempos. Ainda segundo o autor, “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (CANDIDO, 2011, p. 177).

Corroborando esse sentido de arcabouço das experiências humanas, também a antropóloga Michèle Petit (2019) traz uma consideração semelhante. Segundo ela, todas as sociedades, a fim de contar a experiência humana, recorreram a especialistas, narradores e poetas: “os escritores tomam o tempo necessário para dar sentido a um acontecimento, a uma experiência singular e universal” (PETIT, 2019, p. 64). Assim, a literatura pode ser também compreendida como uma interface entre nós e o mundo, a qual acessamos para ressignificar e ampliar as narrativas de cada tempo histórico.

Se a compreensão de que a literatura como expressão de tudo o que de algum modo nos conecta com o que diz respeito ao humano é necessária para contar a experiência de ser e existir e se relacionar em toda a sua heterogeneidade, podemos deduzir que as construções subjetivas são necessárias para pensarmos sobre a realidade e sobre nós mesmos inseridos nesta realidade,

vindo a modificá-la. Assim, confere-se à literatura status de bem cultural, ao qual todos têm direito para a percepção de seu potencial de atuação no mundo.

Ainda sob este aspecto da literatura como cultura, Silvia Castrillón (2011) diz em uma de suas conferências que ler ou não faz parte da cultura de uma sociedade ou de determinado grupo e que a leitura em si não pode ser julgada como boa ou má. Reforça, porém, tal como Cándido, o caráter inegável de direito e acesso a ela e, que por isso mesmo, a leitura, assim tratada como uma vivência cultural, tem caráter político. Ao fazer essa consideração, Castrillón provoca a lembrança da história da escrita e da leitura, quando os propósitos que a movimentaram partiam das classes dominantes. No recorte eurocêntrico: aristocracias diversas, clero e alta burguesia tiveram acesso ao letramento, enquanto o povo permaneceu majoritariamente iletrado ao longo da história.

A partir dessa síntese que parte de referenciais humanistas, percebo que não há propriamente um desvio da questão norteadora que propõe investigar a imaginação, mas uma contingência necessária, para que, durante a trajetória em que o fazer vinha junto com a investigação, eu fosse também justificando, fortalecendo e legitimando o meu território de atuação. Compreendendo a leitura aplicada numa esfera que, embora não prescindia da instituição escolar, vai além de seus muros.

Até o momento desta escrita, é perceptível como as minhas motivações se misturaram às justificativas dos projetos – ou teria sido o contrário? Talvez tenha agregado em mim as motivações dos projetos? Acredito que ambas as coisas tenham acontecido. E tudo isso é genuíno, uma vez que a reflexão faz parte do processo. Em relação à prerrogativa das justificativas – as minhas próprias e as institucionais –, quando se trata de um objeto de difícil mensuração qualitativa, como a leitura literária (não se trata aqui de quantos livros se lê por ano, mas de como esta leitura impacta a ampliação de sua consciência subjetiva), é preciso sempre estar justificando e convencendo tudo e todos, desde o Poder Executivo, que libera verbas e pessoal para o trabalho, até a ponta da comunidade, para quem se deve explicar o emprego do dinheiro público. Na escola há que se convencer o professor, e este, os alunos e pais, de que ler um livro e não precisar responder um questionário a respeito é fator de crescimento do indivíduo. Trabalhar com a leitura é uma vida de justificativas, e, como já pude colocar, não faltaram argumentos feitos de palavras consistentes a respeito.

Porém faltava uma palavra que eu considerava seminal, no entanto não me considerava preparada para escrevê-la, porque a palavra “imaginação”, no meu entendimento, não deveria ser usada puerilmente e eu ainda não havia encontrado a concretude conceitual que considerava imprescindível para justificar o seu uso. Desse modo, com a finalidade de estabelecer um ponto

de contato entre o que já escrevi e o que pretendo apresentar, proponho atentar para o diálogo ficcional e fortemente baseado em fatos reais:

- *Onde você trabalha?*
- *Na Secretaria Municipal da Cultura.*
- *O que você faz lá?*
- *Trabalho com projetos de acesso ao livro e à leitura.*
- *Ah, ler é muito importante, e as pessoas hoje em dia quase não leem. Eu mesmo não tenho tempo para ler.*

A partir dessa interlocução, marcada notadamente pela falta de desejo de aprofundamento de quem questiona, fica explícito o fato de que o discurso *ler é importante* é disseminado no senso comum. Ainda não encontrei quem argumentasse o contrário. Por isso coloco uma das minhas poucas convicções: a de que a importância da leitura, mesmo tendo um estatuto social praticamente incontestável, excepcionalmente é compreendida em sua fundamental importância como acesso e direito à língua escrita e aos sentidos que somente nesta linguagem encontraremos. A leitura adquire importância a partir da experiência singular desse ato; independentemente da prática leitora ter sido em grupo ou individual, mediada ou não, reverbera no indivíduo de tal modo que passa a ser considerada indispensável, a ponto de dispor de um espaço garantido no tempo do leitor.

Tempo de ler, tempo de refletir sobre o que leu e tempo de falar e debater sobre o que se leu. Tempo. Esse bem luxuoso que quase ninguém tem. O tempo da leitura, sempre conquistado mediante esforços e justificativas, seja no âmbito público ou privado.

Partindo do pressuposto de que uma ação que promove o acesso à leitura foca na experiência da leitura o que transcende a competência cognitiva de forma a construir a paisagem da subjetividade senão o tempo para a liberdade de imaginar? Sim, a partir de agora a questão começa a ser esboçada, partindo do entendimento de que a imaginação criadora está estreitamente ligada à experiência na prática leitora não sujeita à rapidez e à utilidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, Gaston. *A chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. Martins Fontes: São Paulo, 2001b.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.
- BACHELARD, Gaston. O instante poético e o instante metafísico. In: BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: Difel, 1985b. p. 183-189.
- BACHELARD, Gaston. O pintor solicitado pelos elementos. In: BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: Difel, 1985a. p. 26-30.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1, p. 114-119.
- BENJAMIN, Walter. O contador de histórias. In: BENJAMIN, Walter. *A arte de contar histórias*. São Paulo: Hedra, 2018. p. 20-21.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006. p. 81-90.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CALVINO, Italo. Leveza. In: CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990a. p. 13-41.
- CALVINO, Italo. Visibilidade. In: CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990b. p. 95-114.

CAMPELLO, André. Bachelard e Desoille: Teoria da imaginação e terapia. In: BULCÃO, Marly *et al.* *A poética de Gaston Bachelard – mergulho na imaginação: devaneio, dinamismo, instante, metamorfose.* Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2021a. p. 412-444.

CAMPELLO, André. Breve apresentação do contexto cultural contemporâneo a Bachelard. In: BULCÃO, Marly *et al.* *A poética de Gaston Bachelard – mergulho na imaginação: devaneio, dinamismo, instante, metamorfose.* Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2021b. p. 101-155.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos.* 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CARRIÈRE, Jean Claude. *Contos filosóficos do mundo inteiro.* São Paulo: Ediouro, 2008.

CARVALHO, Marcelo de. Dinamismo e metamorfose na poética da ambiguidade. In: BULCÃO, Marly *et al.* *A poética de Gaston Bachelard – mergulho na imaginação: devaneio, dinamismo, instante, metamorfose.* Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2021a. p. 155-326.

CARVALHO, Marcelo de. Uma vida em obra. In: BULCÃO, Marly *et al.* *A poética de Gaston Bachelard – mergulho na imaginação: devaneio, dinamismo, instante, metamorfose.* Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2021b. p. 29-100.

CASTRILLÓN, Silvia. O direito de ler. In: CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever.* São Paulo: Pulo do Gato, 2011. p. 14-31.

CAVION, Elaine Pasquali. *Formigas.* São Paulo: Paulus, 2009.

CAVION, Elaine Pasquali. *O colecionador de águas.* São Paulo: Cortez, 2012.

CAVION, Elaine Pasquali. *Tempo de navio.* Belo Horizonte: Aletria, 2020.

CAXIAS DO SUL. Lei complementar n. 290, de 24 de setembro de 2007. *Diário Oficial do Município de Caxias do Sul*, 24 set. 2007.

CAXIAS DO SUL. *Programa Permanente de Estímulo à Leitura (PPEL).* Caxias do Sul: Secretaria da Educação, 2005.

CESAR, Constanza Marcondes. Fenomenologia e hermenêutica da imagem poética. In: BULCÃO, Marly *et al.* *A poética de Gaston Bachelard – mergulho na imaginação: devaneio, dinamismo, instante, metamorfose.* Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2021. p. 224-249.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia.* São Paulo: Ática, 2004.

COLASANTI, Marina. A moça tecelã. In: COLASANTI, Marina. *Doze reis e a moça no labirinto do vento.* São Paulo: Global, 2006. p. 10-14.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário.* São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ENDRUWEIT, Magali Lopes; NUNES, Paula Ávila. O ensino da escrita visto pela ótica enunciativa: é possível ensinar uma ausência? *Calidoscópico*, v. 11, n. 2, p. 204-213, maio/ago. 2013.

- FAILLA, Zoara (coord.). *Retratos da leitura no Brasil*. [S. l.]: Instituto Pró-Livro, 2020.
- GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MAGEE, Bryan. *Los grandes filósofos*. Madrid: Cátedra, 2001.
- PESSANHA, José Américo Motta. Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: Difel, 1985. p. vi.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- PETIT, Michèle. *Ler o mundo: experiências da transmissão cultural nos dias de hoje*. São Paulo: Editora 34, 2019.
- PROLER: Caderno de leitura. Rio de Janeiro: [s. n.], 1994. v. 1.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Para ler em silêncio*. São Paulo: Moderna, 2007.
- RILKE, Rainer Maria. *Os cadernos de Malte Laurids Brigge*. Osasco: Ed. Novo Século, 2008.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SCHÖPKE, Regina. Instante ou duração? Problematizando e dissolvendo o paradoxo de tempo a partir da querela entre Bachelard e Bergson. *Veritas*, v. 65, n. 1, p. 1-13, jan./mar. 2020.
- TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens*. Porto Alegre: Dublinense, 2021.
- TOLSTÓI, Liev. *Anna Kariênina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.